

## O olhar como operador teórico-clínico nos atendimentos on-line em psicanálise

*Wilian Donnangelo Fender\**  
*Maria Livia Tourinho Moretto\*\**  
*Jean Michel Vives\*\*\**

**RESUMO:** Este artigo examina a função do olhar na psicanálise e suas incidências na clínica on-line. A partir de Freud e Lacan, retomamos seu papel na constituição subjetiva, na cena fantasmática e em seus desdobramentos superegoicos, situando-o como objeto pulsional da escopia. Propomos uma leitura do olhar nas dimensões real, simbólica e imaginária (RSI), tomando o quadro pictórico, conforme Lacan no Seminário 11, como operador teórico-clínico. Essa perspectiva permite discutir a especificidade do olhar na clínica mediada por telas, no manejo da transferência, na relação com o corpo e na diferença entre desligar a câmera e o uso do divã.

**Palavras-chave:** PSICANÁLISE ON-LINE; OLHAR; QUADRO; RSI; PULSÃO ESCÓPICA.

### The gaze as a theoretical and clinical operator in online psychoanalysis

**ABSTRACT:** This article examines the function of the gaze in psychoanalysis and its manifestations in online clinical practice. Drawing on Freud and Lacan, we revisit its role in subjective constitution, the fantasmatic scene, and its superegoic unfoldings, situating it as the scopic drive object. We then propose a reading of the gaze in the Real, Symbolic, and Imaginary (RSI) dimensions, taking the pictorial frame, as developed by Lacan in Seminar XI, as a theoretical-clinical operator. This perspective allows us to discuss the specificity of the gaze in screen-mediated clinical work, particularly regarding transference, the body, and the difference between camera-off and analytic couch.

**Keywords:** ONLINE PSYCHOANALYSIS; GAZE; PAINTING; RSI; SCOPIC DRIVE.

---

Doutor em Ciências pelo Instituto de Psicologia da USP e Doutor em Psicologia pela Université Côte d'Azur (França), em cotutela. o Hospital das Clínicas da FMUSP. Membro do Laboratório de Psicanálise, Saúde e Instituição (LABPSI – IP-USP).

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-6362-6789>  
E-mail: [wfender11@gmail.com](mailto:wfender11@gmail.com)

\*\*Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Saúde e Instituição (LABPSI – IP-USP).

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-8446-4640>  
E-mail: [liviamoretto@usp.br](mailto:liviamoretto@usp.br)

\*\*\*Professor de Psicologia Clínica e Psicopatologia da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Laboratoire d'Anthropologie et de Psychologie Cliniques, Cognitives et Sociales (LAPCOS – UCA)

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-9493-9945>  
E-mail: [jeanmichelvives@gmail.com](mailto:jeanmichelvives@gmail.com)

## Le regard comme opérateur théorico-clinique dans la cure psychanalytique en ligne

**RÉSUMÉ:** Cet article examine la fonction du regard en psychanalyse et ses incidences dans la cure en ligne. À partir des formulations de Freud et de Lacan, nous reprenons le rôle du regard dans la constitution subjective, la scène fantasmatique et ses développements surmoïques, en le situant comme objet pulsionnel de la scopophilie. Nous proposons ensuite une lecture du regard selon les dimensions réel, symbolique et imaginaire (RSI), en prenant le tableau pictural, tel que Lacan l'élabore dans le Séminaire XI, comme opérateur théorico-clinique. Nous concluons que le regard, loin d'être un obstacle, constitue un opérateur clinique essentiel pour la psychanalyse en ligne.

**Mots-clés:** PSYCHANALYSE EN LIGNE; REGARD; TABLEAU; RSI; PULSION SCOPTIQUE.

### Introdução

O objetivo deste artigo é examinar a função do olhar nos atendimentos psicanalíticos on-line. Para tanto, nós nos apoiaremos no desenvolvimento do conceito de olhar na psicanálise, especialmente em sua relação com a constituição subjetiva, com o estatuto do objeto pulsional — a pulsão escópica —, com a construção da cena fantasmática e com seus desdobramentos superegoicos. Esse percurso nos permitirá articular o olhar às três dimensões propostas por Lacan — real, simbólico e imaginário — e, a partir daí, discutir suas incidências na clínica mediada por tecnologia.

O estudo do olhar fornece, portanto, um substrato teórico-clínico essencial para o analista que atende on-line. Para desenvolver essa proposição, articularemos o olhar nos registros RSI, o que permitirá levantar hipóteses sobre distúrbios narcísicos e de imagem, considerar as determinações simbólicas do olhar do Outro e destacar a função estrutural vigilante do olhar, entendido aqui como aquilo que escapa ao campo sensível da visão.

Apoiar-nos-emos em uma formulação de Lacan (1964/2008), no *Seminário 11* (Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise), em que o autor recorre ao quadro pictórico como operador para pensar o olhar. Propomos estender essa aposta, aplicando-a à separação didática entre os registros RSI, e, a partir daí, extrair consequências para a clínica contemporânea. Essa abordagem permitirá discutir a utilização — ou não — da câmera e da tela nos atendimentos on-line, seja como forma de intervenção, seja como dispositivo que participa da transferência. Isso nos permitirá propor uma diferenciação entre o dispositivo do divã e as análises sem câmera/tela.

Freud havia introduzido já o tema no campo da sexualidade. Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/2016), ele sublinha o papel da ocultação no desencadeamento do olhar desejanste. O velamento do corpo — por meio das roupas e da cultura —, ao mesmo tempo que restringe a visibilidade, desperta a curiosidade sexual. O desvelamento, por sua vez, seria uma tentativa de completar o objeto sexual perdido. A entrada na civilização exigiria, portanto, a exclusão de uma parte do corpo da visibilidade, exclusão que opera como condição e preço do prazer escópico.

Como ressalta Vives (2012), esse gesto de ocultação não se refere apenas aos órgãos genitais. Em Lacan, a exclusão complexifica-se: o elemento verdadeiramente excluído do corpo do Outro — e, de modo privilegiado, do corpo materno — é o olhar. Antes de ver, o infans é olhado. O sujeito nasce em um campo já saturado de olhares, muitas vezes invasivos, cujo ponto de origem é incerto. Vives (2012) destaca que, desde o início, Lacan enfatizou que somos olhados antes mesmo de sabermos ver, e que esse olhar que nos antecede e nos envolve pode adquirir um caráter panóptico, por vezes vivido como ameaçador ou persecutório. Para que o sujeito constitua sua própria atividade escópica — olhar e obter prazer disso —, é necessário

certo desenlace: um movimento de separação em relação ao olhar do Outro. O sujeito deixa, assim, de ser apenas olhado para também olhar, ou, mais precisamente, fazer-se ver. Trata-se do que Vives (2012) denomina um apassivamento da pulsão escópica: uma atividade na passividade, que revela a complexidade do circuito pulsional.

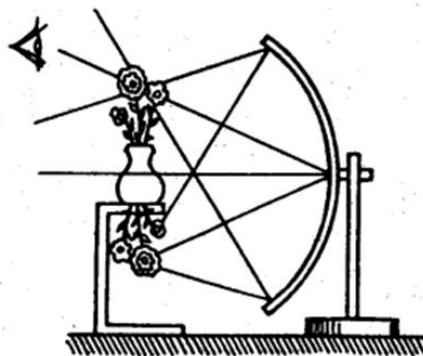
Essa articulação entre constituição subjetiva e cultura, entre desejo e ocultamento, é essencial. Como observa Miller (2010), o olhar como objeto pulsional introduz um ponto de não saber radical. O sujeito é olhado a partir de um lugar que não domina, e é essa incidência que estrutura sua relação com o Outro e com o corpo próprio. É o que se reproduz na cena transferencial, em que o analista pode ser convocado a ocupar diferentes lugares nesse jogo: o do olhar invasivo, o do olhar faltoso ou ainda o do olhar que aprova e reconhece.

Este artigo, portanto, busca articular as funções do olhar na teoria psicanalítica às condições específicas da clínica on-line, interrogando o lugar da tela e da câmera como operadores contemporâneos da transferência.

### O olhar na constituição subjetiva

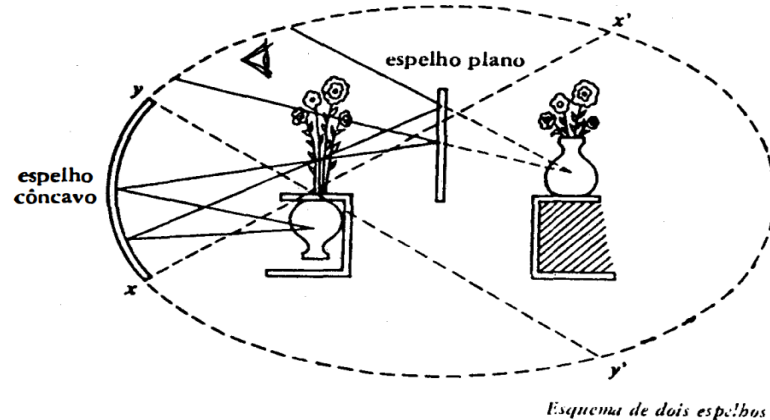
No Seminário 1 (Os escritos técnicos de Freud), Lacan (1953-1954/2009) recorre a dois esquemas óticos para pensar a constituição do sujeito: o primeiro, formado por um espelho côncavo, um vaso e um buquê de flores oculto, e um segundo, que inverte as posições e introduz um espelho plano. Esses dispositivos permitem formalizar o estatuto do eu em sua relação com a imagem e com o olhar do Outro.

No primeiro esquema, o olho — símbolo do sujeito (Lacan, 1953-1954/2009, p. 110) — confronta-se com uma imagem que pode ou não ser assumida como unidade corporal. A possibilidade de o bebê se reconhecer em uma totalidade depende não apenas da imagem refletida, mas também da posição desse olhar no campo ótico. A cena especular, portanto, é complexa: ela não se reduz à relação dual com a imagem, mas exige um olhar que a simbolize.



*O experimento do buquê invertido*

É no segundo esquema, com a inclusão do espelho plano, que Lacan articula imagem e linguagem. Pequenas variações de ângulo, de nitidez ou de brilho produzem efeitos de disjunção ou de fragmentação, sugerindo que a qualidade da imagem não depende apenas da ótica, mas também da incidência simbólica do olhar — ou da voz — do Outro (Lacan, 1953-1954/2009, p. 186). O espelho plano funciona, assim, como tela: tela do Outro onde o eu se inscreve como imagem.



Essa formalização permite diferenciar o eu ideal (*moi idéal*), imagem imaginária de completude com a qual o sujeito se identifica, e o ideal do eu (*idéal du moi*), instância simbólica que olha o sujeito “de fora”, investida pelo desejo e pela exigência do Outro. O eu ideal pertence ao campo do narcisismo e da identificação, enquanto o ideal do eu remete à lei e aos ideais internalizados. No espelho plano, essas duas dimensões se entrecruzam: a imagem com que o sujeito se identifica é também aquela sob o olhar do Outro.

Essa articulação entre imaginário e simbólico, entre imagem e olhar, prepara o terreno para a noção lacaniana de esquizo entre o olho e o olhar: a passagem do ver ao ser visto, da imagem ao ponto de afetação, abre caminho para pensarmos o olhar como objeto *a* e sua relação com o desejo do Outro.

No Seminário 6, ao construir o grafo do desejo e retomar o papel do Ideal do Eu na constituição subjetiva, Lacan (1958-59/2016) articula de forma decisiva o desamparo (*Hilflosigkeit*), o desejo do Outro e o olhar. Diante do enigma do desejo do Outro — que irrompe como ameaça à coesão imaginária do eu —, o sujeito mobiliza um recurso defensivo herdado da experiência especular com seus semelhantes. Trata-se de uma cena em que a criança aprende a lidar com o olhar do outro como jogo de dominação, alternando posições de superioridade, submissão ou derrota.

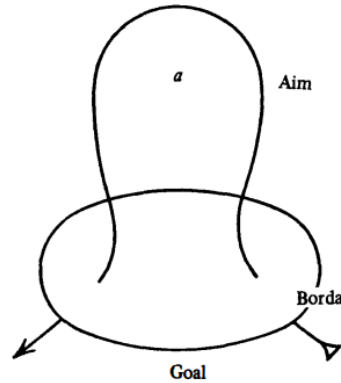
Ao lançar mão dessas relações imaginárias, o sujeito não responde apenas com sua imagem, mas com um *moi* já atravessado pelo simbólico: um eu que se estrutura a partir do Ideal do Eu (I), instância que organiza uma resposta possível ao desejo do Outro. Essa elaboração mostra que o olhar do Outro, enquanto operador de desejo, não é apenas opressor ou paranoico — como Lacan desenvolve em outros momentos —, mas também estruturante. Ele convoca o sujeito a construir-se a partir daquilo que acredita que o Outro vê ou deseja dele.

Esse ponto será decisivo para pensarmos, mais adiante, na forma como o sujeito se apresenta diante da câmera na clínica on-line: oferecendo uma imagem e, ao mesmo tempo, tentando manejar o olhar que incide sobre ela. A presença ou ausência da câmera, articulada ao olhar que pode (ou não) vir pelo rosto do analista, será central para refletirmos sobre os manejos transferenciais e as condições de possibilidade do ato analítico na clínica mediada por tecnologia.

A dinâmica entre olhar e Outro conduz diretamente à esquizo entre visão e olhar e à estrutura da pulsão escópica. Como indica Lacan: “a esquizo entre olhar e visão nos permitirá, vocês verão, ajuntar a pulsão escópica à lista das pulsões” (Lacan, 1964/2008, p. 81). Esse circuito já aparece em Freud (*Pulsões e seus destinos*, 1915/2013), que descreve três tempos fundamentais: (a) o olhar dirigido a um objeto externo; (b) a reversão, quando o sujeito passa da atividade à passividade, tornando-se aquele que é olhado; e (c) a introdução de um terceiro, diante de quem o sujeito se mostra para ser contemplado.

Essa formalização ajuda a compreender uma diferença essencial entre voz e olhar, os dois objetos pulsionais desdobrados por Lacan. No Seminário 12, Lacan (1964-65/2022)

aproxima a voz do desejo do Outro, enquanto a pulsão escópica se inscreve no campo do desejo ao Outro. No circuito da pulsão invocante, a seta pulsional dirige-se ao Outro sem retornar ao sujeito; já no olhar, retorna, pois o sujeito se oferece como espetáculo ao olhar do Outro.



Se considerarmos essa dinâmica a partir da relação inicial mãe-bebê, vemos que a voz e os espelhos já introduzem a lógica especular. Mas com o olhar, a teoria lacaniana é conduzida ao campo da angústia: a passagem do corpo próprio à imagem especular implica a queda de um objeto, formalizada no Seminário 10 (A angústia). Lacan (1962-63/2005) observa que o que angústia não é a perda da visão, mas o excesso de visibilidade: o olhar que escapa ao sujeito e retorna a ele como exterioridade absoluta. Trata-se do olhar como objeto *a*, resto pulsional que não coincide com a visão.

Essa leitura pode ser ilustrada também pela arte. No Seminário 10, Lacan comenta pinturas de Zurbarán (Santa Ágata e Santa Lúcia), onde fragmentos do corpo são expostos em bandejas. Não é a mutilação que causa angústia, mas o modo como esses objetos — seios, olhos — persistem como presença pulsional mesmo separados do corpo. Tais imagens didatizam a função do objeto *a*: aquilo que, ao destacar-se, permanece carregado de gozo e produz inquietação.



Francisco de Zurbarán: Santa Águeda / Santa Lúcia (1930-1935)

Assim, no *Seminário 11*, Lacan formaliza a “esquize entre olho e olhar”: o olhar não é aquilo que o sujeito dirige ao mundo, mas o ponto opaco que o mundo devolve, revelando-o como objeto do desejo do Outro. Incluído na lista dos objetos *a*, o olhar define-se por sua condição de excesso e de impossível simbolização. Na clínica, é justamente esse ponto de rasura da imagem, de vacilo especular, que marca o sujeito onde ele não se vê.

No contexto do atendimento on-line, esse estatuto do olhar adquire novos contornos. A câmera intensifica a visibilidade ao mesmo tempo em que produz opacidade. Pode-se ver sem estar diante, desligar a própria imagem mas sentir-se olhado. O jogo entre visível e invisível, mostrado e escondido, encena a lógica do objeto *a* e sustenta a transferência de modos inéditos. Mesmo nos atendimentos apenas por áudio, a alternância entre presença e ausência faz emergir o olhar em sua dimensão real, acirrando efeitos narcísicos e angústias, mas também abrindo possibilidades para o ato analítico.

É nessa montagem que Lacan trabalha o olhar como central na cena fantasmática. Ele mostra que a fantasia não é apenas um cenário imaginário, mas uma estrutura que organiza a posição do sujeito em relação ao objeto *a*. O olhar comparece nesse enquadramento não como aquilo que o sujeito vê, mas como o ponto a partir do qual ele é visto. A fantasia vela e, ao mesmo tempo, sustenta essa incidência.

A célebre análise de *As Meninas*, de Velázquez, realizada por Foucault, serve a Lacan (1965-66/2018) como paradigma. O pintor coloca em cena não apenas as figuras representadas, mas o olhar do espectador, inscrito no quadro pelo jogo de reflexos, posições e ângulos. O quadro faz ver que o sujeito nunca é apenas aquele que olha: ele é sempre também olhado de um ponto que não domina. É nessa duplicidade — olhar e ser olhado, cena e bastidor — que se inscreve a função do olhar na fantasia (Quinet, 2002).

Com isso, Lacan destaca que a fantasia não é apenas um cenário imaginário que organiza o desejo, mas a própria estrutura em que o sujeito se localiza em relação ao objeto *a*. No caso da pulsão escópica, esse objeto é justamente o olhar: o ponto de onde o sujeito se percebe visto, ainda que não saiba exatamente por quem ou por quê. O quadro de Velázquez revela que, para além das figuras visíveis, há sempre um ponto de indeterminação, uma mancha ou furo, que organiza a cena como tal. É nesse ponto que o objeto *a* comparece: não como conteúdo visível, mas como resto, excesso, aquilo que não se integra à cena, mas que a sustenta.

Assim, o olhar na fantasia mostra que a cena não se fecha em si mesma: ela se organiza a partir de um lugar de onde o sujeito é visto sem poder dominar esse olhar. Essa posição de ser olhado, estruturalmente alienante, é também o que dá consistência à cena fantasmática, pois nela o sujeito encontra uma maneira de velar o real do desejo do Outro. Em outros termos, é o objeto *a* — na forma do olhar — que garante a montagem da cena, sustentando sua eficácia libidinal e sua função defensiva.

Essa mesma lógica estende-se ao supereu. O olhar aqui pode ser considerado, no entanto, a partir de sua dimensão maléfica: olhar que vigia, acusa e reduz o sujeito ao que aparece na cena (Jorge, 2022). Didier-Weill (2000) destaca que nessa operação superegoica, tudo se passa como se houvesse uma formulação a qual o sujeito segue, cumpre, sem muito questionar: “você não passa disso, você não é nada mais que isso” – poderíamos acrescentar: “isso que você vê no meu olhar que te olha”. Trata-se de uma injunção devastadora: em você não há nada além daquilo que se dá a ver, nada que escape ao olhar julgador. Esse olhar superegoico captura o sujeito, recusa-lhe alteridade, e fixa sua existência ao registro do visível. É uma injunção real, pois toca o impossível de escapar, que, a partir de uma formulação simbólica, aprisiona o sujeito no imaginário.

Didier-Weill (1995) situa esse ponto na sua formulação dos três tempos da lei. No primeiro, a lei funda a interdição e abre espaço para o desejo. No segundo, ela se articula como discurso do Outro, que reconhece e nomeia. Mas, no terceiro, o supereu emerge como face obscura da lei: não mais interdição, mas comando absoluto, sustentado pelo olhar que congela

e paralisa. É justamente nesse terceiro tempo que o olhar revela sua face maléfica, reduzindo o sujeito àquilo que é visível e negando a dimensão de enigma que sustenta o desejo.

### Dimensões RSI do olhar: o quadro como operador teórico-clínico

A esquizo entre olho e olhar encontra na pintura e no quadro um operador teórico privilegiado, tal qual desenvolve Lacan no Seminário 11. Os elementos que Lacan extrai do dispositivo pictórico — luz, linha, perspectiva, enquadramento, mancha — nos servirão para pensar as dimensões RSI do olhar. No quadro, o olhar manifesta-se como objeto *a*: mancha, ponto de fuga, excesso que escapa à captura da perspectiva. Além disso, a estrutura pictórica mostra que o visível só se constitui à custa de um ponto cego.

Essa escolha justifica-se não apenas conceitualmente, mas também clinicamente. O quadro oferece uma via sensível para pensar o olhar em sua dimensão simbólica, imaginária e real. E, quando transposta à clínica on-line, essa analogia intensifica-se: a tela dos aparelhos funciona como quadro, recortando a cena, oferecendo forma e, ao mesmo tempo, ocultando algo.

A escolha de Lacan (1964/2008) recai sobre a obra *Os Embaixadores*, de Hans Holbein (1533). A pintura apresenta duas figuras em posição majestosa, rodeadas por instrumentos de saber e objetos de prestígio, compondo uma cena aparentemente estável e organizada pela perspectiva. Atravessando o quadro em sua parte inferior, surge, no entanto, a célebre caveira anamórfica: uma mancha distorcida, quase invisível de frente, que só se revela plenamente quando vista de um ângulo lateral. É nesse detalhe que Lacan localiza o olhar como objeto *a* — aquilo que escapa à organização da cena, mas que, paradoxalmente, a estrutura.

O quadro, assim, funciona como verdadeira armadilha para o olhar: oferece uma cena harmônica, mas nela se inscreve um resto que perturba, fura e denuncia a incompletude da representação. A caveira é índice da castração, lembrando que toda perspectiva depende de um ponto de exclusão. Dessa forma, *Os Embaixadores* permite a Lacan articular as três dimensões do olhar: no imaginário, a cena especular e suas identificações; no simbólico, a perspectiva que organiza e oculta; no real, a mancha que retorna como excesso. É o que o leva a pensar o sujeito “em perspectiva”: não aquele que domina a visão, mas aquele que se encontra sempre já olhado, situado no ponto cego da cena.



Diogo Velásquez: *As meninas* (1656)

### Dimensão Imaginária do Olhar

De modo análogo à voz, a primeira dimensão do olhar dá-se no registro imaginário, articulado à imagem e à constituição do eu. A câmera, como o espelho, captura e duplica. É nesse campo que se organizam três dinâmicas fundamentais:

1. Função narcísica e identificatória – a imagem devolvida pela câmera remete à cena fundadora do espelho. O sujeito pode “ver-se vendo-se”, ora encantado, ora incomodado

com sua própria imagem. Essa captura imaginária pode sustentar a transferência, mas também imobilizá-la.

2. Jogo de dominação – quem olha e quem é olhado? A cena on-line acentua relações de poder imaginárias: sujeitos que desligam a câmera, que se sentem excessivamente expostos, ou que vigiam a imagem do analista. Como no espelho, trata-se de um espaço de confronto que precisa ser manejado para abrir passagem ao simbólico.
3. Completude enganosa da imagem – o recorte da tela cria a ilusão de totalidade, mas mascara o fora de campo. O sujeito pode sentir-se completo demais ou exposto demais, o que pode gerar angústia. Essa ilusão especular evidencia que o visível jamais coincide com o olhar.

Na clínica on-line, não raro, é possível observar casos que ilustram bem tais dinâmicas. Pacientes que não conseguem permanecer sem olhar-se - que ficam completamente capturados pela própria imagem ainda que recortada na tela-, pacientes que constantemente “leem” as expressões do analista quase como que marcando quem ali “está no controle” ou pacientes que pedem para desligar a câmera por justamente se verem de uma maneira que não sabiam até se verem na tela espelhada. Um exemplo clínico ilustra bem: uma paciente, no início da pandemia, não suportava ver-se abatida na tela. A imagem lhe devolvia uma tristeza que ainda não podia simbolizar. Depois de algumas sessões, pediu então que pudesse seguir apenas por áudio: não aguentava mais “ver-se”. Nesse caso, a câmera funcionava como prisão ótica, que colava o sujeito a uma imagem dolorosa e impedia a associação livre.

Ao pensarmos o olhar na clínica on-line a partir do quadro, vemos que o imaginário se manifesta como recorte e armadilha: ele organiza, mas também engana. Cabe ao analista escutar o que se mostra sem confundir o visível com o evidente — pois, como lembra Lacan, ver não é o mesmo que olhar.

### **Dimensão Simbólica do Olhar**

Se na dimensão imaginária o olhar se organiza em torno da imagem e da identificação; no campo simbólico, ele se desloca para a estrutura. Trata-se menos do que se vê e mais do lugar de onde se olha: o olhar aqui é operação do significante, correlato do Ideal do Eu e da lógica da castração. O sujeito não se define pelo que enxerga, mas pelo fato de “saber-se visto” desde um ponto que não domina.

Lacan (1964/2008) desestabiliza a noção clássica de perspectiva ao comentar *Os Embaixadores*, de Holbein. O ponto de olhar não está dentro da cena, mas fora dela: um ponto de exclusão que organiza a representação e, ao mesmo tempo, a falta. É nesse lugar que o olhar se manifesta como mancha ou opacidade, função correlata do objeto *a*. O sujeito, por sua vez, constitui-se como anteparo dessa cena: sustentado pela castração, mas também ameaçado por aquilo que escapa à perspectiva.

Transposto para a clínica, o olhar simbólico articula-se ao enquadramento transferencial. Não é a pessoa do analista que conta, mas o lugar que ele ocupa como Outro que olha. A moldura simbólica organiza o campo analítico — no consultório, pelo divã, mobiliário, rituais; on-line, pelo enquadramento técnico da tela. Em ambos os casos, trata-se de sustentar um ponto de falta, e não de oferecer transparência.

Na clínica on-line, esse enquadramento simbólico pode ser vivido de modo intensificado. Há pacientes que, diante da câmera, buscam corresponder a um Ideal, performando como “bons analisantes”; outros apagam a imagem, vivenciando o olhar do analista como julgamento. Pequenos gestos, mudanças de expressão ou até a ausência de vídeo podem adquirir forte valor simbólico: para alguns, desencadeiam angústia, vergonha ou silêncio. O olhar, aqui, não é apenas imaginário, mas vivido como índice de aprovação, desaprovação ou indiferença — um olhar simbólico que congela ou libera a fala.

Assim, a dimensão simbólica do olhar estrutura a transferência como cena: nela o sujeito posiciona-se como desejado ou excluído, reconhecido ou julgado. É esse jogo do olhar como signo da castração que organiza o campo clínico, inclusive on-line. Mas quando o enquadramento vacila — quando a imagem se rompe, o semblante se desfaz ou a mancha se impõe — o olhar deixa de ser apenas simbólico e abre passagem para sua dimensão real.

### **Dimensão Real do Olhar**

A dimensão real do olhar pode ser exemplificada com um caso clínico – trata-se de um caso que “não deu certo”, mas que ilustra bem a incidência do olhar como objeto *a* na clínica on-line. Uma analisante, que iniciou análise on-line durante a pandemia, parecia incomodada nas entrevistas iniciais, ainda que nada do que era trazido às sessões pela paciente parecia corresponder a esse incômodo, ou atenuá-lo. Algum tempo depois, ela pergunta, já no início da sessão, se havia alguém ao lado do analista “fora da visão da câmera”. Possivelmente no campo da neurose - não se tratava de delírio da ordem da psicose -, mas de uma percepção incômoda e invasiva, que marcava sua transferência. A imagem, mesmo ausente, parecia dotada de corpo. O olhar desejado e o olhar que fere entrelaçavam-se, e a cena analítica acabou desfazendo-se: a paciente primeiro pediu que desligássemos a câmera; depois, passou a fazer as sessões no carro, indo para o trabalho e, por fim, interrompeu o tratamento.

Podemos formular como hipótese que o olhar que a invadia não foi escutado em sua dimensão real. Lacan (1964/2008) chama de *mancha* esse ponto opaco, que escapa à visão, mas organiza a cena: “é ao nível que chamo da mancha que se encontra o ponto tíquico na função escópica” (p. 81). Trata-se do encontro contingente com o real — *tiquê* —, aquilo que fere o campo da repetição. Na transferência, o analista é convocado a encarnar esse ponto, não como pessoa, mas como objeto *a*. Quando esse lugar não é reconhecido, a cena se rompe, como no caso que acima relatamos.

A dimensão real do olhar revela, assim, a esquizo estrutural entre o olho e o olhar: o sujeito não coincide com o que vê, mas é marcado pelo que o olha de fora. O caso mostra como, diante da falha do simbólico em sustentar a cena, o imaginário é invadido e o real toma o centro, precipitando a interrupção.

Esse aspecto não é exclusivo do atendimento on-line, mas o enquadramento das telas o acentua. A câmera, ao mesmo tempo que intensifica a visibilidade, pode instaurar a irrupção do olhar como mancha. Escutar essa dimensão — o ponto em que o olhar não se integra, mas retorna como furo — é condição para que a transferência se sustente.

### **Desdobramentos Clínicos do Olhar na Clínica On-line**

A leitura do olhar nas dimensões RSI permite extrair consequências diretas para a clínica mediada por tecnologia. Assim como a voz, o olhar também pode produzir efeitos reais no corpo, mas por vias distintas. A voz, articulada ao significante, opera pela ressonância, fazendo vibrar o corpo do sujeito a partir de cortes e entonações. Já o olhar incide pela captura, ou pela *cativação*, como Lacan (1975-1976/2007) a denomina na primeira aula do Seminário 23. Trata-se de um efeito que, como na fábula da rã que deseja igualar-se ao boi — evocada por Lacan para ilustrar a fixação do obsessivo diante do olhar —, incha e perfura, introduzindo um ponto de sedução e de intrusão. Nas telas, essa diferença torna-se ainda mais evidente: o corpo aparece fragmentado, recortado pela câmera, convertido em superfície em que o olhar do Outro se inscreve e adquire peso transferencial.

Nesse sentido, é preciso considerar que o corpo no atendimento on-line não é o corpo biológico nem o corpo do espelho, mas o corpo atravessado pelo olhar do Outro. Trata-se de um corpo opaco, marcado por fendas e restos, que pode ser vivido como exposição excessiva

ou como ausência angustiante. Essa experiência, frequentemente relatada por pacientes em análise on-line, confirma que a tela não entrega um corpo transparente. Ao contrário: ela intensifica o estranhamento, devolve ao sujeito uma imagem inquietante, ora inflada, ora furada pelo olhar.

O manejo transferencial do olhar, nesse contexto, adquire uma função clínica fundamental. Mostrar-se ou ocultar-se, sustentar a câmera ligada ou desligada, manter o olhar ou retirá-lo: tudo isso se torna parte do ato analítico. A cena on-line faz do olhar um elemento mais explícito da transferência, exigindo que o analista calcule sua posição de maneira precisa. A função não é oferecer uma imagem plena, mas operar com a falta: deixar que algo do olhar se mantenha como hiância, como ponto não visível que orienta o desejo.

Podemos pensar essa operação a partir da lógica do “esconde-mostra”, na alusão à brincadeira do *fort/da – lá/aquí*. A clínica on-line evidencia que o olhar não é apenas o que se vê, mas o que escapa ao visível. Cabe ao analista manejar a cena para que o sujeito não se perca na captura imaginária da tela, mas encontre no vazio deixado pelo olhar um espaço para falar. Em tempos de hiperexposição — redes sociais, selfies, chamadas de vídeo —, a função clínica do enquadramento transferencial é cortar, diferenciar, recusar o espetáculo. A análise não se confunde com performance, e a tela, se bem manejada, pode servir como suporte da castração do olhar.

Nesse ponto, é importante distinguir o gesto de desligar a câmera do uso do divã. Embora ambos envolvam a retirada da imagem, as operações são estruturalmente diferentes. O divã, ao retirar o olhar do analista, mantém o corpo presente na mesma sala, sustentando a transferência por vias não visuais, mas materiais e sensíveis. A câmera desligada, ao contrário, introduz uma ausência mais radical: o corpo não está presente, nem visível, e a moldura digital reorganiza a cena em outro registro.

Isso não significa, contudo, que desligar a câmera não possa funcionar como intervenção válida. Em alguns casos, aliviar o excesso especular do espelhamento da tela permite que o discurso flua; em outros, a retirada da imagem protege o sujeito de uma captura angustiante. Mas não se trata de equivalência com o dispositivo freudiano: é outra operação, própria da clínica on-line, que exige do analista uma atenção renovada. A moldura digital — com seus cortes, falhas e ruídos — não é espelho nem janela, mas campo em que o olhar se reconfigura e o analista deve sustentar seu ato.

### Considerações finais

A análise do olhar a partir da psicanálise — em sua constituição subjetiva, em sua inscrição nos registros RSI e em sua incidência como objeto pulsional — permitiu-nos situar suas funções na clínica on-line. O quadro, tomado como operador teórico-clínico, mostrou-se recurso privilegiado para pensar o olhar como armadilha, mancha e ponto de fuga: elementos que não apenas estruturam a cena fantasmática, mas também se atualizam nas mediações tecnológicas contemporâneas.

No contexto dos atendimentos mediados por tela, o olhar revela seus efeitos de modo intensificado. Ele comparece como captura imaginária, como julgamento simbólico e como mancha real que fura a cena. Nessa medida, sustentar a transferência on-line implica escutar o olhar em suas três dimensões, não apenas como função da visão, mas como operador clínico que organiza a posição do sujeito. O analista, ao manejar sua própria visibilidade — seja pela presença ou ausência da câmera, seja pelo uso da imagem, seja pelo silêncio —, ocupa a função de causa e não de espetáculo: sustenta o olhar como falta, não como completude.

Concluimos que o olhar, longe de ser um obstáculo à clínica on-line, pode ser pensado como um de seus principais operadores. Quando reconhecido em sua dimensão pulsional, ele permite circunscrever o corpo do sujeito, sustentar o campo da transferência e criar as condições

de possibilidade para o ato analítico. O que não se vê, mais do que o que se mostra, é o que causa. Nesse ponto, a psicanálise encontra no olhar — assim como na voz — a chave para operar, mesmo à distância, na lógica do real.

### Referências:

- Didier-Weill, A. (2000). *Les trois temps de la loi*. Paris: Seuil.
- Freud, S. (1915/2013). *Pulsões e seus destinos* (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Jorge, M. A. C. (2022). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Volume 3: A prática psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1953-1954/2009). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (M. C. Coutinho Jorge, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1958-1959). *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Inédito.
- Lacan, J. (1962-1963/2010). *O seminário, livro 10: A angústia* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1964/2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1964-1965/2022). *O seminário, livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise*. Rio de Janeiro: CEF.
- Lacan, J. (1965-1966). *Le séminaire, livre 13: L'objet de la psychanalyse*. Inédito. Édition non commerciale, Forum du Champ Lacanien.
- Lacan, J. (1975-1976/2007). *O seminário, livro 23: O sinthoma* (S. Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, J.-A. (2010). Las mutaciones del objeto a. In J.-A. Miller, *Extimidad* (pp. 257-280). Buenos Aires: Paidós.
- Quinet, A. (2002). *O olhar na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Vivès, J.-M. (2012). Se um discurso pode ser sem fala, ele pode ser sem voz? In J.-M. Vivès, *A voz na clínica psicanalítica* (V. A. Ribeiro, Trad., pp. 11-26). Rio de Janeiro: Contra Capa.

**Citação/Citation:** Fender, W.; Moretto, M. L. T.; Vives, J. M. *O olhar como operador teórico-clínico nos atendimentos on-line em psicanálise*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 2), p. 3-14.

**Recebido em: 09/09/2025**

**Aprovado em: 10/11/2025**